

Em Torno das Questões Epistemológicas da Psicanálise (*)

MARIA TERESA MEDEIROS (**)

1. INTRODUÇÃO

A evolução teórica, teórico-clínica e conceptual da Psicanálise, cujas implicações ultrapassam hoje, como sempre, o campo estrito da prática psicanalítica, para alastrar ao campo da Psicologia em geral, arrastou consigo questões epistemológicas fundamentais.

Efectivamente, como tencionamos demonstrar, entre o modelo clínico e o modelo metapsicológico abria-se um hiato de contradições, que não eram resolvidas pelo recurso aos modelos epistemológicos das Ciências do século XIX. Provavelmente, a mesma dificuldade seria encontrada pela tentação hermenêutica que, subjectivando uma prática já subjectiva, não encontrava nela as imanências discursivas científicas necessárias à implementação de uma «cientificidade» no e sobre o discurso psicanalítico.

Propomos neste trabalho encontrar uma «terceira via» que não recorrendo à hermenêutica, nem aos modelos da Ciência Moderna possa contextualizar a Psicanálise no interior do quadro epistemológico a que aquela deu origem. Para isso, servir-nos-emos das reflexões epistemológicas de alguns pensadores contemporâneos entre os quais Santos (1987, 1989).

(*) Agradece-se a revisão crítica do Prof. Doutor Carlos Amaral Dias.

(**) Mestre em Ciências da Educação com especialidade em Psicologia da Educação, pela Universidade de Coimbra. Assistente do Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores.

Esta reflexão parece-nos constituir um pequeno contributo para o amplo movimento que opera no interior e no exterior do campo psicanalítico, tendente a devolver à Psicanálise o papel de ponta que sempre lhe coube nas Ciências Psicológicas em geral. E, nesse sentido, filia-se em discussões congêneres levadas a cabo, nomeadamente, nos EUA, na França e na Grã-Bretanha.

Por uma questão metodológica, o artigo encontra-se dividido em duas partes, uma primeira em que nos preocupamos em descrever as relações entre a Ciência Moderna e a Psicanálise, que por comodidade designamos de Freudiana; uma segunda parte em que discutimos as relações entre a Ciência Pós-Moderna e a Psicanálise. Deliberadamente retiramos «Freudiana» da segunda parte por nos parecer que a revisão dos paradigmas epistemológicos feita em primeiro lugar pelos psicanalistas faz também parte de um processo de luto pelo fundador da Psicanálise, tanto mais difícil quanto, afirma Roche (1991), ser aquela a última ciência descoberta pelo homem.

2. A CIÊNCIA MODERNA E A PSICANÁLISE FREUDIANA

«Depois da euforia cientista do século XIX e da conseqüente aversão à reflexão filosófica, bem simbolizada pelo positivismo, chegámos a finais do século XX, possuídos pelo desejo quase desesperado de complementarmos o conheci-

mento das coisas com o conhecimento do conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios.» (Santos, 1987, p. 30)

A concepção paradigmática da ciência, herdada da interpretação de Khun (1962)¹ incentiva-nos a uma leitura retrospectiva, a fim de percebermos as rupturas e mudanças paradigmáticas que de alguma forma particularizaram este movimento científico do conhecimento das coisas ao conhecimento do conhecimento das coisas, de que fala Santos. Nesta cadeia científica, a Psicanálise despertou a nossa atenção por, num tempo aberto ao conhecimento das coisas (do século XIX), procurar já penetrar «arrojadamente» no conhecimento do conhecimento das coisas, isto é no conhecimento do homem.

Encontramo-nos hoje algo distanciados do mundo das certezas, do rigor da chamada ciência moderna (Santos, 1987), cujo modelo de racionalidade do século XVI-XIX assente na previsão, regularidade e causalidade, aspirava à formulação de leis, às relações causais, num mundo científico estável e previsível. Nesse enquadramento a Matemática, «ciência do rigor dos rigores», empresta os seus pressupostos metodológicos e oferece-se como instrumento privilegiado da análise das outras ciências. Consequentemente, os critérios de cientificidade da ciência moderna regem-se pela quantificação, medição, em suma, pelo rigor do que é quantificado – o observável. Ao invés, tudo o que implica nebulosidade observável é escamoteado porque «não objectivo» e, como tal, não científico. Para este mundo científico concorreu decerto a leitura da Física Aristotélica e o seu uso.

As ideias de ordem e estabilidade do mundo vieram a culminar no Positivismo oitocentista² e com este numa visão dicotómica do conhecimento científico: as disciplinas formais da lógica e da matemática e as ciências empíricas, segundo

¹ Para Khun os paradigmas «são realizações científicas universalmente reconhecidas que durante certo tempo proporcionam modelos e soluções a uma comunidade científica (...), a ciência realiza-se por um progresso não cumulativo. Neste processo as revoluções científicas representam descontinuidades durante as quais um paradigma é substituído por outro novo e incompatível.» (Khun *in* Capel, 1981, p. 253).

o modelo mecanicista das ciências naturais. Citando Capel (1981), o positivismo enquanto concepção filosófica caracteriza-se por três aspectos essenciais: «o monismo metodológico ou ideia de unidade do método científico por entre a diversidade de objectos temáticos na investigação científica; pela consideração de que as ciências naturais e exactas, em particular a física matemática estabelecem um canon ideal metodológico que mede o grau de desenvolvimento e perfeição de todas as demais ciências, incluindo as humanidades, e por uma forma particular de explicação científica que pode ser considerada causal» (Capel, 1981, p. 262).

Frente ao positivismo, desenvolveu-se uma posição anti-positivista, rejeitando o monismo metodológico e a submissão aos critérios das ciências naturais e exactas, como único ideal científico. Estas posições desencadeiam uma tipologia dicotómica das ciências: Naturalismo *versus* Historicismo que, por sua vez, estão assentes em dois métodos opostos, Explicação *versus* Compreensão.

A crise positivista dos finais do século XIX conduz a uma ruptura e a um novo paradigma que elege como *episteme* o Homem, isto através das ciências humanas. Estas, ao estudarem os fenómenos sociais e humanos, impõem a imprevisibilidade, a não causalidade, constituindo, pelo seu objecto, fortes obstáculos às ciências empíricas.

É neste contexto científico da ciência moderna que surge, através de Freud (1856-1939), a «Psycho-analyse»³. Freud sofre a influência dos

² O Positivismo é uma metodologia científica e uma concepção filosófica do mundo e da ciência. Como método científico trata-se de um empirismo indutivo, racionalista e anti-metafísico. Comte (1844), em «Discurso sobre o espírito positivo» caracteriza o positivismo pela observação como única base possível do conhecimento pela necessidade de reduzir o estudo aos fenómenos e pela precisão racional como destino das leis positivas.

³ O termo «Psycho-analyse» foi introduzido por Freud (1896) no artigo «L'herédité et l'étologie des nevroses» e é utilizado em três níveis diferentes, respectivamente: «Um método de exploração do psiquismo inconsciente; um método derivado do primeiro e empregue com um fim terapêutico; uma teoria, que partindo de certos factos revelados pela análise, prossegue sobre um plano especulativo e abrange a psicologia individual e colectiva assim como proble-

paradigmas da época, nomeadamente o positivismo assente em três pilares fundamentais: a ênfase na observação, chegando a afirmar que a Psicanálise é uma ciência natural, a insistência no determinismo psíquico e o isomorfismo entre os postulados centrais da Psicanálise e os correspondentes postulados da Física. Fundamenta, assim, a Psicanálise, a partir dos modelos oriundos de ciências ditas exactas, como da Física e fundamentalmente da Físico-Química⁴ e da Biologia⁵.

Embebendo-se nesta base científica, Freud (1895) conceptualiza e apresenta um modelo estratificado de vida mental, o *Project*, onde sugere que os processos psicológicos reflectem os processos neurológicos, sendo estes expressões das leis científicas (Gabriel, 1982). Trata-se de uma estrutura tópica da vida psíquica, em que os conflitos, com a sua força e a sua energia psíquica, são compreendidos pela sua mobilidade dinâmica intra-sistemas (Inconsciente, Pré-Consciente e Consciente – primeira tópica) ou inter-instâncias (Id, Eu e Super-Eu – segunda tópica, 1923).

Na passagem da primeira para a segunda tópica verifica-se um salto epistemológico na concepção tópica do aparelho psíquico. Os fenómenos psíquicos, definidos na segunda tópica pelo «lugar» na primeira tópica, passaram a ser definidos pelas «qualidades» inconscientes pré-conscientes ou conscientes.

Ao conceber uma nova leitura do funcionamento do aparelho psíquico opera-se um salto epistemológico, na perspectiva relacional de um «eu» com a realidade externa, o que denota que o objecto externo assume já um papel activo, e não mais o de receptáculo de descarga libidinal.

mas culturais, sociológicos e artísticos» (Pesch, 1985, p. 25).

⁴ O recurso a estas ciências está bem patente nos conceitos de energia e de força, advindos da Escola de Helmholtz.

⁵ Há uma grande influência de princípios biológicos ao longo de toda a sua obra nomeadamente a fundamentação orgânica da vida mental, o conceito de desenvolvimento sexual, a concepção Darwiniana do comportamento adaptativo, os conceitos utilizados de auto-conservação e preservação da espécie e na aceitação de que a ontogenese seria uma recapitulação da filogénese.

Citando Dias (n. p.) «quando Freud diz que o indivíduo se Identifica a um objecto externo e que aquilo que ficou dessa Identificação fica no seu interior sob a forma de um objecto interno (a que chamou o Super-Eu), Freud abre-nos uma nova perspectiva — a perspectiva da identificação.» Este conceito de identificação (retomado posteriormente por Klein) para além das perspectivas teóricas que possibilita, concretiza-se no *setting* analítico pelo conceito de transferência.⁶

Com efeito, é na prática clínica que Freud se distancia da vertente fisicalista e mecanicista no ponto de encontro entre a pulsão e a representação para enveredar por uma linha mais «linguística», onde o sintoma representa um sentido. Perspectiva retomada posteriormente por Lacan. É também na prática clínica que Freud «reformula» o conceito positivista de observação, ao propor observar o não observável — o inconsciente.

Em síntese, verificamos que, por um lado, a vertente positivista de Freud leva-o à procura de condições metodológicas e daí o apelo aos elementos empíricos como a observação e a procura de condições de experimentação. Mas, por outro lado, distancia-se desta vertente, ao introduzir um mediador — a interpretação — na observação do inconsciente.

3. A CIÊNCIA PÓS-MODERNA E A PSICANÁLISE

As descobertas disciplinares do nosso século, redimensionaram a ciência em novas proporções. Assiste-se, com efeito, a uma crise paradigmática, esta desencadeada pela revolução científica introduzida pela Mecânica Quântica, pela Física e pela Matemática, e cuja consequência mais cabal é a abertura dos limites disciplinares a uma reformulação de critérios de cientificidade, a partir de um novo paradigma, em procura de uma nova linguagem.

Particularizando, ao nível da Matemática verificou-se que a fundamentação desta ciência (rigorosa e precisa) ficou fortemente abalada a

⁶ Este conceito é na perspectiva Freudiana muito limitado, dado que o analista era o receptáculo passivo das projecções do analisando sem mais, ao contrário da concepção actual em que o processo é interactivo.

partir de 1931, quando «Gödel anunciou a sua descoberta de que nunca se poderia encontrar em matemática uma certeza completa por qualquer método baseado na lógica tradicional. O fundamental da sua descoberta consistia em que qualquer tipo de prova baseada nos princípios auto-consistentes do raciocínio dedutivo era inadequada para estabelecer a veracidade ou falsidade de todo e qualquer teorema matemático concebível» (Guillen, 1987, p. 26).

Paralelamente à Matemática surge a crise na Física onde se verifica que os enunciados não poderiam ser completamente determinados, dado que a matéria estabelece ela própria relações indetermináveis, à partida. Einstein demonstra «que a simultaneidade dos acontecimentos distantes não pode ser verificada, pode tão só ser definida (...). Não havendo simultaneidade universal, o tempo e o espaço absolutos de Newton deixam de existir (...) As leis da física e da geometria assentam em medições locais» (Santos, 1987, p. 25).

Posta em causa foi também a objectividade nos domínios da Microfísica, após as investigações de Heisenberg e Bohr, ao verificarem que a observação não é isenta do sujeito que a mede (a simples presença do cientista modifica a natureza dos fenómenos) e que não conhecemos do real senão a nossa intervenção nele. Assim, segundo a Mecânica Quântica, ficou testado que não é possível efectuar medições no mundo subatómico sem contemplar as perturbações causadas pela observação. Com estas descobertas o Determinismo e o Mecanicismo ficam fortemente abalados.

Conclui-se que a tipologia que classificava as Ciências em ciências exactas e ciências não-exactas ficou em causa. A distinção tão hermética entre Sujeito/Objecto, Ciências da Natureza/Ciências Humanas, torna-se bem mais complexa do que uma classificação dicotómica poderia, *a priori*, fazer crer.

«A ciência pós-moderna é uma ciência assumidamente analógica que conhece o que conhece pior através do que conhece melhor (...) A concepção humanística das ciências sociais enquanto agente catalizador da progressiva fusão das ciências naturais e das ciências sociais coloca a pessoa, enquanto autor e sujeito do mundo, no centro do conhecimento, mas, ao contrário das humanidades tradicionais, coloca o

que hoje designamos por natureza no centro da pessoa. Não há natureza humana porque toda a natureza é humana. É pois necessário descobrir categorias de inteligibilidade globais, conceitos quentes que derretam as fronteiras em que a ciência moderna dividiu e encerrou a realidade.» (Santos, 1987, p. 44).

No presente epistemológico, constatadas as distinções, clivagens e dicotomias disciplinares que valorizavam (valorizam) o saber hermético, diferenciado e oposto, problematiza-se, aprofunda-se, por um lado, a especialidade e as suas peculiaridades, mas, por outro, damos conta de uma problematização conjunta das realidades interdisciplinares, recorrendo ao global e inter-sistémico, em busca de paradigmas, estes capazes de conduzirem a uma unidade científica, uma linguagem integrativa e simplificadora do problematizar.

Na verdade, o constatar de que somos chegados ao «(...) fim de um ciclo de hegemonia de uma certa ordem científica» (Santos, 1987, p. 9), devolveu-nos um «mosaico científico» (Baars, 1986), isto é, a ausência de unidade paradigmática na Ciência, e em cada Ciência.

O posicionamento científico «confortável» da estabilidade causal foi fortemente abalado com as descobertas da Microfísica, da Astrofísica, da Mecânica Quântica e da Matemática, as quais impregnaram o saber das certezas e dos rigores exactos de dúvidas, de relatividade, de acaso, enfim de Humanidade. Esta revolução científica, pondo em causa os paradigmas científicos da racionalidade, previsibilidade e estabilidade, abalou o conceito tradicional de Ciência. Consequentemente, cada Ciência dentro do seu quadro conceptual foi (é) «obrigada» a rever os seus paradigmas, a fim de que os mesmos possam dar respostas aos *puzzles* científicos (terminologia de Kuhn) que se colocam ao seu ramo do saber.

Com efeito, a convergência das investigações supracitadas concorre para um conhecimento que só pode ser aproximado, probabilístico e relativo. Esta convergência preside à partilha de problemas comuns nas diferentes ciências e à procura de novos modelos mais consentâneos com esta realidade abrangente e conducentes a uma nova sintaxe, sem, no entanto, clivar as diferenças inerentes a cada ciência.

A compreensibilidade do psiquismo humano

implica necessariamente a dimensão comunicativa intra e inter-relacional. Dimensão esta que fica agora muito além da inteligibilidade possibilitada pela ciência do século XIX, que permitia o «conhecimento das coisas». Entramos, no século XX, no «conhecimento do conhecimento das coisas», sem escamotear o «conhecimento das coisas», embora sendo este modificado por um «conhecimento do conhecimento das coisas», isto é, por um conhecimento humanizado.

Assim, também na Psicanálise se verifica um movimento epistemológico de uma maior abertura, de uma maior dimensionalidade espacial, reflexo de uma compreensibilidade projectiva e introjectiva, sob o signo da relação.

Batton, citado por Santos (1987), afirma que Freud, imbuído por uma concepção mecanicista, ampliou o conceito de «mente» para dentro. Podemos acrescentar que os seus continuadores, nomeadamente Klein e Bion, ampliaram este conceito para fora, a partir do dentro.

Na Psicanálise, a passagem do paradigma da Ciência Moderna ao da Ciência Pós-Moderna, opera-se pela passagem do estudo do inconsciente individual-intrapsíquico ao relacional, isto é, de um sistema fechado a um sistema aberto.

Algumas questões se levantam, nomeadamente: se o salto epistemológico na Psicanálise será o reflexo de uma Ciência Pós-Moderna, probabilística, não causal e nomotética possibilitadora de uma leitura mais abrangente ao sistema Homem? Ou será que a Psicanálise, pelo estudo da dimensão intra-psíquica, eminentemente humana, permitiu nas ciências ditas exactas uma dimensão mais subjectiva intra-psíquica e relacional?

Talvez não importe determinar quem influenciou primeiro, nem quem influenciou quem, mas tão somente constatar as relações mútuas, uma vez que, se nos detivermos em busca do paradigma comum, convergimos no Homem.

«Se o psiquismo é infinito (basta pensar na imaginação infinita por excelência) a aplicação de modelos finitos, derivados eles mesmos de uma epistemologia oitocentista em que o que era estudado era ainda o finito, é forçosamente inadequado. Se a psicanálise se coloca na trajectória do intra e do inter-subjectivo, obrigando-se a um ponto de vista representacional sobre os fenómenos assim observados, estes mesmos, ao serem

colocados numa escala finita (mensurável), deixam automaticamente de poder ser compreendidos. O psiquismo humano, na sua imanência imaginária, aproxima-se muito mais da ordem cósmica do que da regulação galilaica e pós-galilaica do facto natural (...) O facto psíquico é sujeito permanente de construção, de desconstrução, de reconstrução não podendo por isso ser encarado como permanência.» (Dias, 1988).

Melanie Klein, embora na linha conceptual legada por Freud, procurou a especificidade do facto psicológico em interacção no mundo de objectos e valores significativos.

Enquanto Freud desenvolve a concepção de «estádio», Klein dá preponderância às teorias dinâmicas, pelo conceito de «posição» [posição esquizoparanóide (relação com os objectos parciais), à qual se segue a posição depressiva (relação total com o objecto mãe)], conceito que implica flexibilidade e mobilidade mental, sem que tal signifique regressão, como no conceito de «estádio».

Do conceito de identificação, em Freud, ao conceito de *identificação projectiva*, em Klein, percorreu-se um longo caminho, muito embora a partir de uma génese comum — a aceitação do dentro e do fora inerente a um conceito espacial da vida psíquica.

Há uma deslocação de um modelo causalístico para um modelo descritivo dos fenómenos psíquicos numa infinitude de possibilidades. Klein não ignora a realidade do objecto, antes concebe-a como uma realidade que contém eventualmente partes do sujeito, num universo a que não são alheias as descobertas da Microfísica codificadas, em Klein, num «jogo» de introjecções e injecções e de identificações projectivas.⁷

⁷ A identificação projectiva caracteriza-se essencialmente «pela dissociação e projecção ulteriores de partes do *self* (mas também na patologia, dos objectos internos) no interior dos objectos externos. Tenderia assim a libertar o aparelho psíquico dos aspectos evacuados que passariam agora a existir dentro do objecto externo. As identificações introjectivas são o resultado das internalizações que se dirigem ao núcleo do *self* e são assimiladas por este (...). A experiência de identidade constrói-se através de uma sequência contínua de identificações projectivas que levam por isso a uma integração permanente dos diferentes aspectos da vida mental e da consequente relação com os objectos.» (Dias, 1985, p. 4).

Estes conceitos, identificação projectiva/ /identificação introjectiva, são conceitos-chave porque permitem a compreensão da formação do «eu» e do funcionamento da vida mental, na vertente da saúde e da doença. São eles os catalisadores da nova orientação epistemológica da Psicanálise e ousamos afirmar que poderão constituir uma das vias de acesso à tão controversa cientificidade da Psicanálise. Admitindo esta cientificidade interna, não poderá ela vir a contribuir, através do estudo da comunicação, para o diálogo entre as diversas disciplinas humanas?

Com o conceito de «identificação projectiva», Klein é precursora do conceito Biónico relação continente/conteúdo, «noção que recentemente Anzieu (1981) demonstrou estar não só no cerne de toda uma investigação contemporânea na Psicanálise, como também em toda a Ciência actual. Desde a Biologia, em que do núcleo celular o interesse se deslocou para a membrana, cujas propriedades nos aparecem cada vez mais complexas e indispensáveis à sobrevivência, à embriologia, (...) passando pela matemática (...), até às noções de dimensionalidade psíquica e de espaço relacional estudadas entre outros por Bion, Meltzer, Bick, Grotstein, Greenberg, etc, o problema do espaço — diria mais das funções continentes do espaço relacional ou outro — se têm vindo a tornar mais e mais importantes.» (Dias, 1983, p. 18).

A relação continente/conteúdo permite o entendimento do afecto e do pensamento, numa interdependência constante. Concretizando, na relação precoce, a mãe (com a sua capacidade de *reverie*) funciona como um continente dos conteúdos não pensados do bebé (elementos beta), devolvendo-os posteriormente de uma forma organizada, «pensada» (elementos alfa), possibilitadora da introjecção na área do pensamento do bebé.

Os conceitos de relação continente/conteúdo (Bion) e de identificação projectiva (Klein) possibilitam, também, um novo entendimento da prática clínica, pela redimensionalidade do espaço terapêutico, espaço de comunicação, onde o processo transferencial/contra-transferencial assume um valor activo e bipolar nos dois intervenientes em relação (analista/analizando). Trata-se de uma extensão do conceito de continente/ /conteúdo de tal forma que o analista, tal como a boa mãe (modelo parental), contém, transforma e

devolve ao analisando os conteúdos desintoxicados, não tolerados até então por este, alargando o espaço mental deste a um nível de maior compreensibilidade afectivo-cognitiva.

Tal facto representa um verdadeiro salto epistemológico e permite uma viragem na oposição científica sujeito/objecto. Essa viragem é traduzida num conhecimento aproximado do objecto, em situação de comunicação, em que conhecedor e conhecido, longe de serem dessubjectivizados (como na psicologia dos estados e conteúdos da consciência), são personalidades em interacção.

«Então a identificação projectiva, em conjunto com a relação continente/conteúdo, permite ao sujeito fazer conter a sua ignorância no continente/outro de modo a ser-lhe devolvida, transformada e logo enriquecedora do pensamento. Participa assim na formação do pensamento, na sua manutenção e na sua génese elaborativa» (Dias, 1986, p. 156). Neste contexto, conhecer não é uma integração de verdades feitas e incontestáveis, mas é sobretudo aceitar a ignorância, o não conhecido, a incerteza e a dúvida, num contínuo relacional e criativo de um mundo (interno e externo) significativo.

4. CONCLUSÕES

Freud serve-se dos construtos epistemológicos da sua época, traduzidos sobretudo no quadro conceptual da primeira tópica.

Freud mantém ao longo da sua obra uma grande fidelidade à Física e à Biologia, sobretudo manifestada no ponto de vista económico. Uma tal vertente positivista não se enquadra na concepção actual de ciência.

Os construtos da prática clínica, em Freud, impõem uma vertente simbólica e representativa, inovadora e precursora da Psicanálise contemporânea, que analisa e contempla não só os aspectos intra-psíquicos da personalidade como também os aspectos inter-psíquicos.

Verifica-se uma evolução epistemológica dentro do corpo teórico psicanalítico no sentido de uma dimensão relacional, que permite uma nova compreensibilidade da vida interior, evolução essa que se faz entre outros com Klein e Bion. Esta dimensão relacional sente-se não só na praxis (*setting* analítico), mas igualmente na

fundamentação teórica, resultando uma integração coerente.

A revolução científica movida, no século XX, pelas descobertas da Matemática, da Astrofísica da Microfísica, entre outras, conduzem a Ciência Moderna à Ciência Pós-Moderna. A par deste movimento científico sente-se um movimento paralelo na Psicanálise, por um afastamento lento e progressivo do positivismo, no sentido da compreensão relacional dos aspectos humanos.

A Psicanálise contemporânea terá que procurar a sua cientificidade, pela análise dos seus construtos específicos, recorrendo já não à ciência natural como no primeiro momento, mas às ciências humanas, servindo-se da conceptualização actual de Ciência. Daí que o discurso em torno das questões epistemológicas da Psicanálise, muito mais do que relatar as controvérsias, deve colmatar as sínteses possíveis, de modo a enquadrar a matriz conceptual e prática da Psicanálise em modelos analíticos.

BIBLIOGRAFIA

- Antonelli, F. (1969). *Anatomia do psiquismo*. Barcelona: Companhia Editora do Minho.
- Baars, B. (1986). *The cognitive revolution in Psychology*. New York: Guilford Press.
- Capel, H. (1981). *Filosofia y Ciencia en la geografía contemporánea*. Barcelona: Ed. Barcanova.
- Cunha, B. (1981). *Psicanálise e Estruturalismo*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Daurella, N. (1981). Filosofia i Psicoanàlisi en el pensament de Freud. *Revista Catalana de Psicoanàlisi*, 4: 81-96.
- Denis, S. (1945). *Psicanálise*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Dias, C.A. (1983). *Espaço e relação terapêutica*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Dias, C.A. (1985). Moderna teoria analítica: A identificação. *Jornal de Psicologia*, 4(2): 3-6.
- Dias, C.A. (1985). Da identificação projectiva à identificação. *Jornal do Médico*, 2135: 605-612.
- Dias, C.A. (1986). Motivação e Psicanálise: algumas reflexões. *Motivação e Aprendizagem*, 3: 145-158.
- Dias, C.A., (1986). A relação analítica como paradigma da comunicação estética. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 4: 21-29.
- Dias, C.A. (1986). A genealogia do amor: vinculação ou ilusão vinculativa. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 3: 37-49.
- Dias, C.A. (1987). Da identificação à identificação projectiva. *Jornal do Médico*, 2(117): 410-417.
- Dias, C.A. (1987). Reflectindo a partir de Bion. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 5: 23-30.
- Dias, C.A. (1988). O ensino de Psiquiatria Médica. *Jornal do Médico*, 39(118): 316-319.
- Dias, C.A. (1988). O ensino da Psicologia Médica, algumas questões e perspectivas actuais. *Jornal do Médico*, 2265(124): 774-775.
- Dias, C.A. (1988). *Para uma Psicanálise da relação*. Porto: Edições Afrontamento.
- Dias, C.A. (1988). Teatro privado cena do íntimo. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 6: 31-41.
- Dias, C.A. (1990). Reflexão sobre o estatuto de cientificidade em Psicanálise. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 9: 29-38.
- Gabriel, Y. (1982). The fate of the unconscious in the human sciences. *Psychoanalytic Quarterly*, 2(51): 246-283.
- Greco, P. (1981). Epistemologia e ciências humanas. In *Lógica e conhecimento Científico* (J. Piaget, Ed.), pp: 285-331, Porto: Editora Civilização.
- Grinberg, I., Sor, D. & Bianchi, E. (1973). *Introdução às ideias de Bion*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Guillen, M. (1987). *Pontes para o Infinito*. Lisboa: Gradiva.
- Jaccard, R. (1987). *Freud*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Jones, E. (1970). *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Kuhn, T. (1975). *La structure de las revoluciones científicas*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Klein, M., Heimann, P. & Money-Kyrle, R. (1980). *Novas tendências na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Klimovsky, G. (1980). Problemas de la metodología de la ciencia. *Psicoanálisis*, 4(37): 1333-1343.
- Laplanche, J. & Pontalis, J. (1967). *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores.
- Legrand, M. (1980). Estatuto Científico da Psicanálise. *Análise Psicológica*, 2(1): 171-184.
- Morgan, C. (1877). *Introdução à Psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill.
- Mueller, F. (1971). *A Psicologia Contemporânea*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Nathaniel, L. (1985). Psychoanalysis as Science: The Inductivists resistance revisited. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 1(33): 149-166.
- Pagels, H.P. (1982). *O código cósmico, a física quântica como linguagem da natureza*. Lisboa: Gradiva.
- Pash, E. (1985). *Freud*. Lisboa: Edições 70.
- Piaget, J. (1968). *Le Structuralisme*. Paris: PUF.
- Piaget, J. (1976). *A situação das Ciências do Homem no sistema das Ciências*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Roche, R.C. (1991). *Psicoanálisis, reflexiones epistemológicas*. Madrid: Instituto de España Espasa-Calpe.
- Santos, B. S. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, B.S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Edições Afrontamento.

Spruiell, V.M.D. (1983). Kuhn's «paradigm» and Psychoanalysis. *Psychoanalytic Quarterly*, 52: 353-363.

Will, D. (1987). Psicanàlisi i la nova filosofia de la ciència. *Revista Catalana de Psicoanàlisi*, 1(4): 97-111.

RESUMO

Partindo de uma breve contextualização científica dos paradigmas dos séculos XIX e XX, pretendeu-se enquadrar epistemologicamente a Psicanálise.

Verificando-se uma evolução epistemológica dentro do corpo teórico psicanalítico, de Freud a Bion, no sentido de uma dimensão relacional, conc-

lui-se que a cientificidade da Psicanálise deve passar pelo encontro de modelos analíticos, num enquadramento actual da Ciência.

ABSTRACT

From a brief scientific context of the paradigms from the 19th and 20th centuries, an intention to enclose Psychoanalysis epistemologically was made.

Acknowledging an epistemological evolution in the area of psychoanalytic theory, from Freud to Bion, in the sense of a relating dimension, it can be concluded that the scientific of Psychoanalysis must engage analytical models, in an actual context of Science.